

JORNAL: *Jornal do Comércio* LOCAL: *Quomabara*
DATA: *13/10/1968* AUTOR: *Thomas M. Cohn*
TÍTULO: *Galerias e Exposições*
ASSUNTO: *Ivan na Galeria Bonino.*

JORNAL DO COMMERCIO — 5 Rio de Janeiro, domi
artes plásticas

J. Comercio 13-10-68

Galerias e Exposições

Thomas M. Cohn

Não vem de data antiga a canalização do mercado de arte no Brasil através das Galerias. Durante muito tempo o contato entre o artista e o colecionador era direto e antes de chegarmos ao aparecimento das Galerias como empreendimentos comerciais tínhamos intermediários não-estabelecidos que faziam do "conselho" ou do contato colecionador-artista seu meio de vida. Esta classe não desapareceu; pelo contrário, o receio de muitos compradores de passar por um marchand profissional (que vai lhe cobrar suas despesas administrativas, aluguel, etc.) faz com que eles prefiram confiar em intermediários "mais baratos". Naturalmente, nem sempre esta classe de intermediários é muito santa, nem sempre tem um nome pelo qual zelar e assim, as economias que o comprador pretende fazer, não são tais.

Seja como for, não há dúvida que o comprador precisa de orientação. Em princípio, o colecionador é um amador com mais ou menos gosto a procura de um profissional que se identifique com esse gosto, lhe acrescentando a informação artística e a informação sobre o mercado que ele não possui. Eis aí que surge a figura do marchand geralmente estabelecido com uma galeria de arte e cuja missão obrigatória é conhecer as tendências da arte internacional e nacional, ter acesso aos artistas, orientá-los e ajudá-los, criar e manter um público, criar e manter um mercado de arte e ainda tirar um lucro da sua atividade.

Em termos gerais, a instituição das Galerias não está ainda consolidada, no Brasil. Não podemos, evidentemente, pretender uma estrutura de galerias na altura de Nova York, Paris, Londres ou Milão, mas a nossa é ainda muito insuficiente, ficando bastante a dever a mercados normalmente considerados como equivalentes, caso Buenos Aires. A própria existência das Galerias dá-se no Brasil, apenas em São Paulo e no Rio de Janeiro e, em escala muito menor em Belo Horizonte e Salvador. Nos centros menores, não tem conseguido, absolutamente se firmar como "empresas", pelos motivos mais diversos a começar pela falta de marchands aptos, artistas e público que justifique o investimento.

Como em qualquer outro empreendimento comercial, a missão do marchand pode ser executada com maior ou menor eficiência, isto dependendo dos seus conhecimentos, da sua coragem, da sua personalidade, etc. Por exemplo: um marchand pode-se dedicar à compra e venda de "valores estabelecidos" (Portinari, Di, Guignard, Pancetti, Djanira, Volpi, Scliar, etc.) construindo o seu acervo mediante os contatos com colecionadores ou colegas dispostos a vender por dificuldades econômicas ou qualquer outra razão. Pode o marchand escolher ainda a exploração conforme as tendências dos compradores no momento (a Linha-Mabe, os "Primitivos" etc.) Pode ainda ter a coragem de tentar a vanguarda, de lançar e de se lançar com a novidade total, de investir no curso da história e na renovação da arte, de confiar em novos nomes desconhecidos. Seu risco, é maior e dependerá da sua capacidade de se impôr, a compensação também será maior, já que junto com a satisfação de se realizar numa tarefa de esclarecimento cultural, ele conseguirá "virar" o mercado a seu favor, obterá os melhores artistas e geralmente um público novo que lhe dará preferência.

É claro que estas divisões ou classificações podem ser acusadas de serem um pouco arbitrarias: a maioria das galerias tem um pouco de cada uma e as vezes uma Galeria muda sua orientação com o tempo.

Porém, a ordem de preferências inclinar-se-á para o tipo de galeria descrito em último lugar, já que deverá dar possibilidade de auto-financiamento e auto-afirmação à vanguarda brasileira, que é, afinal de contas o que interessa. Apenas uma galeria no Brasil se enquadra presentemente dentro dessas características: a ARTART de São Paulo. Ao invés de trilhar o caminho fácil dos "nomes" e das "famas" esta galeria preferiu mostrar ao público o que se faz de novo no Brasil e demonstrou que vanguarda também vende... Alguns dos seus sucessos: Desafio ao bairrismo paulista com o lançamento de Gerchman que vendeu muito mesmo, uma excelente exposição de Tomoshige Kusuno, e agora a versão aumentada e corrigida da exposição do Grupo Baravelli-Fajardo-Nasser-Resende com quase vinte peças vendidas (contra nada ou quase no Rio).

A realidade Rio-68 é uma redução do ritmo de atividade das Galerias, das que não restam senão 3 ou 4 "tradicionais" e algumas menores. A Petite Galerie, que antigamente era uma galeria geralmente conservadora mas coerente (e que lançou valores importantes como Gastão M. Henrique e Rob. Magalhães) não está na sua melhor fase. Depois do lançamento do heterogêneo mas interessante grupo de São Paulo, promoveu vários valores duvidosos. No meio da programação apareceu de repente uma exposição de Gastão M. Henrique, com o artista misturando peças próprias de muito boa qualidade com outras resultantes de uma experiência de "arte-sociedade" com outros pintores, experiência esta de saldo negativo. Logo a seguir apareceu Maninha, uma artista de São Paulo, que não justifica o "intercâmbio cultural". Depois, Bianco. Sem comentários. Mais uma reviravolta e nos encontramos com Maria do Carmo Secco, que se desligou da figura e de um caminho que não ia mais longe. Os quadros da fase de transição ainda revelam influências nem sempre bem assimiladas, os desenhos, no entanto (vários dos quais prenunciam objetos) são bem interessantes, e um belo quadro no fundo da galeria e o ponto mais alto da exposição e possivelmente de toda a obra do artista.

A Relêvo, principal responsável pelo contato com a arte européia e por exposições importantes como as OPINIAO, pelo lançamento de artistas estrangeiros do gabarito de Genovés ou Berni e nacionais como Antônio Dias e Gerchman, ficou este ano bastante omissa, abrindo apenas em agosto... e com Picasso. Se refez mostrando a gravura da fase 1963/65 de Masuo Ikeda, mundialmente um dos gravadores de melhor qualidade. Presentemente, quem expõe (trabalho de boa qualidade, por sinal) é Ivan Freitas e pronto deverá vir uma de Antônio Dias. Esperemos que não se produzam "enxertos" de segunda qualidade, esperemos também que a Relêvo retome o caminho de lançar valores (terá que encontrá-los também o que, admitamos, não está muito fácil).

A Bonino está melhor que em anos anteriores, tendo apresentado várias exposições de boa qualidade, sendo as mais destacáveis Ione Saldanha, Ivan Serpa e agora, a surpresa de Eduardo Sued que evoluiu enormemente no último ano. Seria ótimo que esta galeria conseguisse eliminar alguns artistas apenas decorativos que não lhe fazem favor.

Das outras Galerias, não há muito para falar. Algum lançamento isolado, algum artista de futuro promissor, mas por enquanto ainda, muito "terceiro time". Esperemos um futuro melhor.